

CURSO DE INSTRUTORES I

UNIDADE 10

10. Planejamento

10.1. Importância do planejamento

Em todos os setores da vida humana há necessidade de planejamento. Quanto mais complexas as tarefas a executar, mais necessário se faz o planejamento.

Na divulgação dos ensinamentos da Doutrina Espírita não poderia ser diferente e para que essa tarefa se processe de uma maneira orientada e sem improvisações é necessário que se faça um planejamento de todas as ações a serem desenvolvidas.

Já ouvimos, muitas vezes, comentários do seguinte teor entre os oradores espíritas: "Falo sempre de improviso. Deixo tudo por conta da inspiração. Os Espíritos nos assistem incessantemente".

Grande equívoco. Sem negar ou colocar em dúvida a abnegada assistência dos companheiros espirituais, não devemos descurar da nossa própria tarefa: organizar nosso pensamento, dar-lhe uma diretriz que possa ser incentivada pelos irmãos encarregados que nos amparam durante a exposição. Durante o planejamento, podemos refletir melhor sobre o que vai ser dito e delimitar o conteúdo de tal maneira que ele possa ser explorado em seus aspectos fundamentais e dentro do tempo previsto, adequando-o ao público que irá nos ouvir.

Sabe-se que a ligação (sintonia) com os amigos espirituais responsáveis pelo trabalho, se inicia a partir do momento em que, com ele (o trabalho), nos comprometemos. Portanto, a inspiração surge, não no momento de falar, mas a partir do instante em que nos preparamos para organizar a palestra, organização que nos proporcionará segurança, entendimento e esclarecimento, auxiliando, assim, o raciocínio a respeito do assunto.

Curso de Expositores da Doutrina Espírita - FEB

A obra do bem em que te encontres empenhado, não pode prescindir de planejamento.

Para agires no bem, muitas vezes, qualquer recurso positivo constitui material excelente de rápida aplicação. Todavia o delineamento nos serviços que devem avançar pelo tempo, tem regime prioritário.

A improvisação é responsável por muitos danos.

Improvisar é recurso de emergência.

Programar para agir é condição de equilíbrio.

Nas atividades cristãs que a Doutrina Espírita desdobra o servidor é sempre convidado a um trabalho eficiente, pois a realização não deve ser temporária nem precipitada, mas de molde a atender com segurança.

Planejar agindo é servir construindo.

Planificar tudo o que se possa fazer e que esteja ao seu alcance.

Estuda e examina, observa e experimenta.

Joanna de Ângelis

O ensino para ser eficaz tem que ser inteligente, metódico e orientado por propósitos definidos.

Os dois grandes males que desvitalizam o ensino, prejudicando o andamento do processo ensino-aprendizagem, reduzindo o seu rendimento a níveis ínfimos, são:

- A rotina sem inspiração e sem objetivos.
- A improvisação dispersiva, confusa e sem conseqüência.

Para esses males, um remédio se impõe: o planejamento do ensino. Este garante a contínua melhoria e vitalização do ensino (combate à rotina) e assegura a progressão metódica e bem calculada do trabalho docente, à vista de objetivos definidos (contra a improvisação dispersiva).

Segundo Henri Fayol, "prever é a melhor garantia para bem governar o curso dos acontecimentos" e "Plano de ação é o instrumento mais eficaz para o sucesso de um empreendimento. Prever é agir. É o primeiro passo obrigatório de toda a ação construtiva e inteligente".

10.2. Definição de planejamento

É um conjunto de ações coordenadas entre si, que concorrem para a obtenção de um certo resultado desejado.

É a previsão metódica de uma ação a ser desencadeada e a racionalização dos meios para atingir os fins.

Prever tomadas de decisões entre as possíveis alternativas, visando atingir os resultados previstos de forma mais eficiente.

Curso de Instrutores Espírita - FEDF

10.3. Resistência ao planejamento

Embora o planejamento, enquanto *processo mental de organização de trabalho*, seja reconhecido como condição necessária para que a ação pedagógica possa ser mais efetiva no alcance dos resultados educacionais pretendidos, verifica-se ser freqüente a resistência de instrutores em assumir essa prática.

Assim como há muitos instrutores que, para delongar o envolvimento na implementação de uma ajuda ou transformação no contexto de trabalho, enveredam-se, durante tempo exageradamente longo na prática do planejamento, há também aqueles que evitam comprometer-se com ela.

Os instrutores costumam utilizar uma série de argumentos para justificar sua negativa de planejar seu trabalho, ou de fazê-lo apenas como um procedimento formal na produção de um plano ou projeto a ser utilizado como legitimador do seu trabalho junto aos superiores e ao público em geral, e não para orientar a sua prática. Assim, várias vezes situações e aspectos do contexto de trabalho são utilizados como desculpa para não planejar como por exemplo, falta de tempo, medo de assumir responsabilidade, falta de habilidade em planejar, preocupação com soluções imediatas, etc.

Reconhece-se que planejar requer tempo, energia e dedicação que não se traduzem na produção de resultados imediatos. As conseqüências do planejamento são indiretas, uma vez que alcançadas mediante as ações de implementação. No entanto, quando praticado com envolvimento, já desenvolve uma predisposição para a produção dos resultados pretendidos.

Como conseqüência dessa visão errônea e limitada, muitos instrutores deixam de compreender e de antever os benefícios do planejamento e dedicam-se mais à modificação urgente de situações, a rápida resolução de problemas e, o que mais ocorre, à pronta execução de serviços e de tarefas sem um sentido pedagógico mais amplo e sem um relacionamento com um projeto global de transformação da prática pedagógica.

10.4. Etapas do planejamento

Ao planejar uma palestra ou reunião de estudo, deve-se ter em mente que ela deve ir ao encontro do interesse dos ouvintes ou estudantes; apresentar o conteúdo de forma clara, lógica e seqüenciada e, acima de tudo, de modo a atingir os **objetivos** propostos.

Veja, a seguir, os itens que devem ser observados:

10.4.1. Definição dos objetivos

Inicialmente, deve-se refletir sobre **o quê** desejamos alcançar, atingir por meio da palestra ou da reunião de estudo. *Se não se identifica o que quer, dificilmente se saberá como fazer para alcançá-lo.*

O mínimo que se exige de quem fala para uma assembléia de ouvintes/estudantes é que fale revelando cuidado, com o senso lógico. Para **conhecermos nossos objetivos**, é necessário respondermos a uma série de perguntas fundamentais que nos auxiliarão a esquematizar satisfatoriamente o conteúdo da nossa palestra ou reunião de estudo.

10.4.1.1. Para quem se vai falar?

O público é o fator fundamental. Dependendo da clientela a que se destina a palestra ou reunião de estudo, ela terá características diferenciadas.

Sendo possível, deve-se buscar informações sobre o nível de conhecimento dos ouvintes/estudantes, suas condições sócio-econômicas e, ainda, o nível de interesse que guardam em relação ao tema a ser apresentado.

De modo geral, o público é composto por pessoas com perfis distintos e, assim, possuem características de percepção, interpretação, resistência e análise diferentes. Essas características são definidas pelo interesse, pela crença, pelos valores, pela sensibilidade, pelo nível de concentração, pela experiência e capacidade de entendimento de cada um. Portanto, como não se tem condições de analisar, individualmente o público, deve-se levar em consideração, ao se preparar uma palestra ou reunião de estudo, os seguintes fatores predominantes: Idade e Nível Sócio-cultural.

- **Fator idade**

Público jovem - Nesta faixa etária, o ser humano é mais idealista, faz planos para o futuro e se entusiasma com o que pretende conquistar; gosta de aprender e descobrir coisas, bem como de realizar; direciona sua vida para uma convivência mais participativa, deixando de lado o individualismo dos anos anteriores; interessa-se por quase todos os assuntos, desde que bem conduzidos e apresentados de maneira estimulante; detém grande capacidade de entendimento, pois já possui um vocabulário consolidado.

Não se deve subestimar a capacidade do jovem de criticar e entender, falando como se ele fosse uma pessoa despreparada, pois isso o irrita, fazendo com que ele crie resistências na aceitação das informações a ele transmitidas.

O respeito e o entendimento de suas possíveis limitações é a melhor forma de conquistar esse tipo de público.

Público adulto - Por ser o público, predominantemente, de pessoas adultas não significa que elas sejam totalmente preparadas e experientes, daí a importância de coletar-se informações a respeito de suas características e de suas vivências.

Não se deve basear na idade ou na aparência que o público venha apresentar, mas sim no seu comportamento.

O idoso, sempre saudosista, não se interessa ou não se empolga com projetos de futuro, demonstrando maior interesse pelas informações, histórias e lembranças do passado. É crítico e extremamente desconfiado.

Pela própria idade, ele tem mais dificuldade para ouvir, por isso, diante de um público assim, devemos pronunciar bem as palavras e ter o cuidado de falar com um pouco mais de intensidade.

Público infantil - Nesta faixa etária predomina a inquietação, muitas vezes a desatenção, exigindo dos instrutores habilidades e criatividade para gerar estímulos e criar recursos de atração para o conteúdo do tema a ser abordado.

- **Fator nível sócio-cultural**

Pessoas cultas - É um público mais receptivo às abordagens racionais e não se deixa envolver com artifícios demagógicos e personalistas. Aprecia o humor inteligente e assimila bem toda informação, pois detém um vocabulário amplo e, identifica com rapidez a linha de raciocínio do orador.

É um público extremamente exigente, mas que pode mudar de opinião sobre determinado assunto, se convencido por argumentos sólidos.

Este público exige do expositor maior segurança e grande domínio do assunto, para que se mantenha motivado durante toda a apresentação.

Pessoas despreparadas ou ignorantes - Este tipo de platéia tem maiores dificuldades de entendimento e é mais facilmente influenciável, por se deixar levar mais pela emoção do que pela razão. Prende-se, muitas vezes, mais pela inflexão da voz e a gesticulação do que propriamente pela coerência da sua mensagem.

Este público necessita de linguagem adequada, de conceitos concretos; de desenvolver raciocínios curtos, simples, ilustrados com pequenas histórias e repetidos com palavras diferentes, mas sempre ao nível da sua compreensão.

Não se pode, portanto, esquecer de dar atenção àqueles ouvintes que, mesmo sem instrução, são bastante inteligentes e intuitivos. Pode-se identificá-los através da maneira como acompanham a nossa fala, das perguntas e respostas que elaboram e da forma como reagem diante de brincadeiras e informações mais sutis.

10.4.1.2. Onde se vai falar?

Definida a variável *quem*, deve-se investigar também as condições ambientais, para que se possa, então, situar-se psicológica e materialmente, considerando o local, as acomodações, a acústica, os recursos audiovisuais disponíveis, e toda uma série de fatores que influenciam o desenrolar da exposição.

O local

É de fácil acesso? Quanto tempo será necessário para ali chegarmos?

As acomodações

Qual será o número de ouvintes? O salão é pequeno?

De posse destas informações, o instrutor se sentirá mais seguro para determinar o uso deste ou daquele recurso audiovisual; se sua fala será mais informal; se o volume de voz deverá ser mais ou menos intenso, qual a disposição das cadeiras, e da posição em que vai ficar.

Quando o público está bem acomodado, tem boa visualização do instrutor e dos recursos utilizados, ele se mostra mais receptivo e dócil.

Recursos disponíveis

É necessário que se verifique, antes de iniciar a exposição, alguns detalhes que são de grande importância para o êxito do trabalho:

- Tipos e funcionamento dos microfones.
- Qualidade do som e acústica da sala.
- A posição das tomadas de energia, a necessidade dos fios de extensão.
- A melhor localização dos recursos audiovisuais bem como os materiais a serem utilizados (papel, pincéis, giz).

10.4.1.3. Quando se vai falar?

Será em alguma comemoração, algum evento especial, ou numa ocasião rotineira? Qual o dia, horário e duração da palestra ou curso? Dependendo das respostas obtidas, certos critérios deverão ser obedecidos, para que a seleção do conteúdo atenda às variáveis encontradas.

Portanto, para poder planejar adequadamente uma palestra ou reunião de estudo e atender às necessidades do estudante ou ouvinte é preciso, dentro do possível, conhecer as suas aspirações, frustrações, necessidades e possibilidades.

Conhecer o ambiente físico em que o instrutor vai realizar a sua palestra ou reunião de estudo é também de suma importância para que ele saiba dos recursos que poderá utilizar.

Procedendo assim, estaremos fazendo uma **SONDAGEM**, isto é, buscando dados.

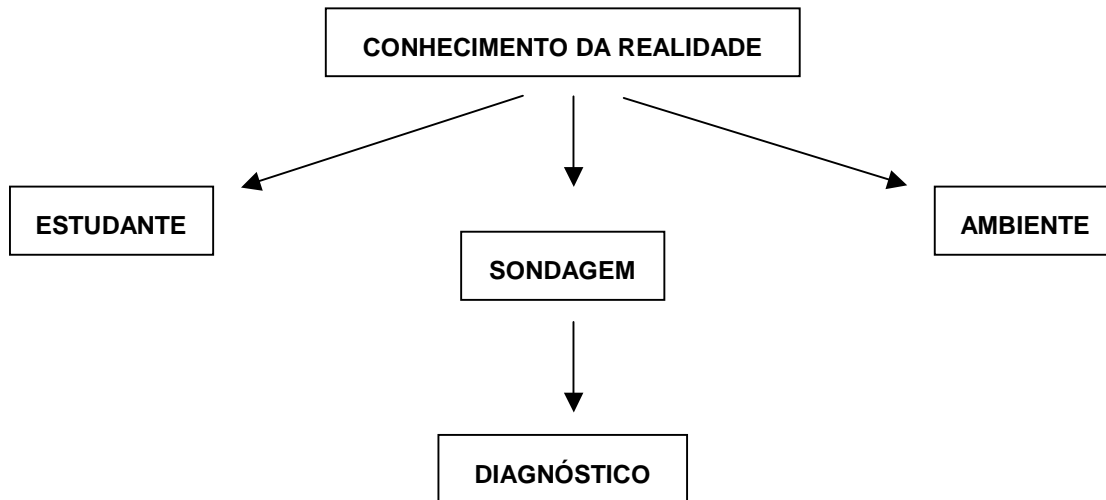
Uma vez realizada a sondagem, deve-se estudar cuidadosamente os dados coletados. A conclusão a que chegamos, após o estudo dos dados coletados constitui o **DIAGNÓSTICO**.

Sem sondagem e diagnóstico corre-se o risco de propor o que é impossível alcançar ou o que não interessa ou, ainda, o que já foi alcançado.

"(...) porque aprendemos com os nossos Benfeitores Espirituais que cada espírito é um mundo por si, que Deus não dá cópias; cada um de nós é uma criação independente, de modo que precisamos estudar a natureza, as tendências, os problemas, as dificuldades, as facilidades de cada um de nossos companheiros que levam o nome de nossos aprendizes, para que venhamos a beneficiá-los com a nossa influência, nos ensinamentos de que sejamos portadores (...)"

Francisco Cândido Xavier

Esquematizando essa primeira etapa, temos o seguinte:



10.4.2. Seleção dos conteúdos

10.4.2.1. O quê falar? Como falar?

Essas questões se relacionam com o tema propriamente dito e serão satisfatoriamente respondidas depois de considerados os pontos anteriores. Não há razão alguma para se falar das provas da reencarnação, utilizando um vasto repertório de casos, para um grupo de pessoas já esclarecidas na Doutrina, lidadores experimentados para os quais a reencarnação já não precisa de provas. Assim, considerados esses aspectos, teremos o tema, a sua justificativa e o modo de desenvolvê-lo, adequando-o às condições do público, do ambiente e da ocasião.

Essa etapa é de importância fundamental, pois um tema mal escolhido, que não atenda a essas exigências, pode fazer com que a oportunidade de aprendizado redunde num fracasso, que será prejudicial tanto para quem expõe quanto para quem ouve.

Ao falar, utilizando a tribuna espírita, o expositor deve atentar cuidadosamente para a questão do assunto, de modo que ele seja sempre de importância para a moralização dos ouvintes.

As exposições espíritas, em geral, não se destinam às preleções de longo alcance científico e filosófico, tampouco às polêmicas sobre assuntos não imediatamente importantes para a reforma íntima dos que ouvem e falam. Essas situações só se tornam admissíveis quando a assistência se reúne com o fim específico de estudar e comentar tais aspectos.

Novamente lembraremos aqui os papéis fundamentais da exposição espírita: *esclarecer* e *consolar*, e será sempre com base nestas duas finalidades que o expositor escolherá o seu assunto, de maneira que o material oferecido aos ouvintes sirva, o mais breve possível, para a aplicação na vida prática, levando-os à reformulação de conceitos e à conseqüente mudança de comportamentos.

10.4.3. Plano de reunião de estudo ou de palestra

A partir dos dados fornecidos pela *sondagem* e interpretados pelo *diagnóstico*, temos condições de elaborar nosso Plano de Estudo ou Palestra.

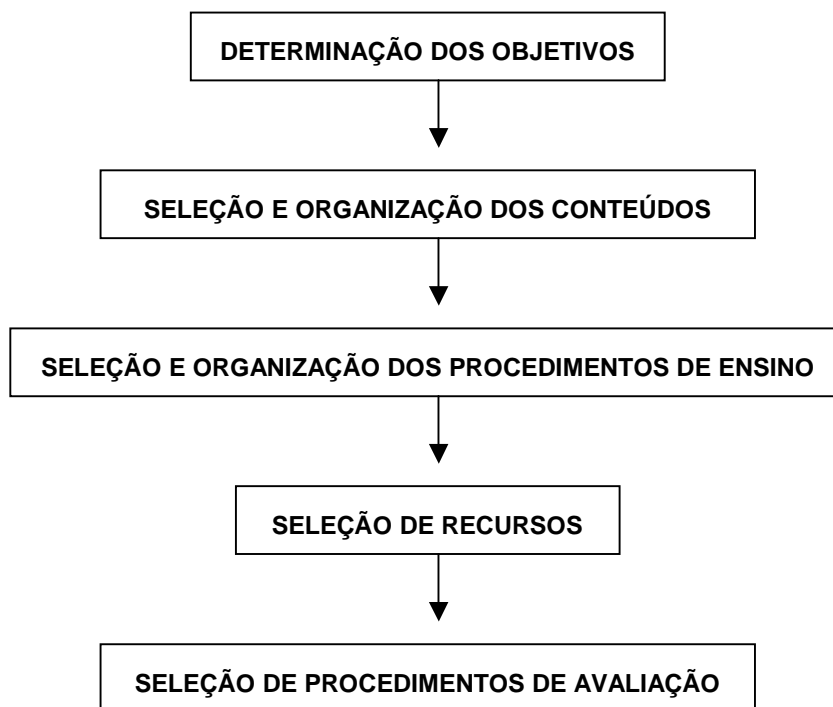
10.4.3.1. Conceito

- O plano de reunião de estudo é um instrumento de trabalho que especifica os comportamentos esperados do estudante e os meios (conteúdos, procedimentos e recursos) que serão utilizados para sua realização, buscando sistematizar todas as atividades que se desenvolvem no período de tempo em que instrutor e estudante interagem numa dinâmica de ensino-aprendizagem.
- O plano de reunião de estudo é uma previsão de atividades organizadas e distribuídas que devem desenvolver em etapas sucessivas e interligadas, em função dos objetivos e do tempo disponível.
- O plano de reunião de estudo é um roteiro de atividades que se destina a indicar, de forma mais específica e restrita, os elementos contidos nos planos de unidade.

10.4.3.2. O que caracteriza o plano de reunião de estudo

- Descrição dos objetivos propostos e atividades a serem desenvolvidas.
- Descrição dos meios para atingir os objetivos previstos (conteúdos, procedimentos, recursos).
- Relação estreita e adequada que deve manter entre objetivos, conteúdos, procedimentos, recursos e avaliação.
- Flexibilidade para poder atender os interesses e necessidades dos estudantes dentro do tempo disponível.

10.4.3.3. Elaboração do plano de estudo ou palestra



Avaliação e aperfeiçoamento

Ao término da execução do que foi planejado, passamos a avaliar o próprio plano com vistas ao replanejamento.

Nessa etapa a avaliação adquire um sentido diferente da avaliação do ensino-aprendizagem e um significado mais amplo. Isso porque, além de avaliar os resultados do ensino-aprendizagem, procuramos avaliar a qualidade do nosso plano, a nossa eficiência como instrutor e a eficiência do sistema da instituição.

Curso de Expositores da Doutrina Espírita - FEB

"... de quando a quando, pelo menos, ser-nos-á justo analisar a extensão e a qualidade de nossas tarefas de modo a verificar-lhes o rendimento no bem."

Bezerra de Menezes